

Como citar este artigo:

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Argumentação e atividades de produção e compreensão de textos e ensino de gramática. In GOUVÊA, Lúcia Helena Martins e GOMES Regina Souza (orgs.). **Anais do II Fórum Internacional de Análise do Discurso: Discurso, Texto e Enunciação**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010. p. 139-166. (Anais disponíveis eletronicamente em <http://www.lettras.ufrj.br/ciadrio/>) (ISBN: 978-85-87043-98-6).

Argumentação e atividades de produção e compreensão de textos e ensino de gramática

TRAVAGLIA, Luiz Carlos
(UFU/ILEEL)

1) Introdução – O ensino de argumentação.

Não há mais dúvidas de que a argumentação é uma das dimensões constitutivas da linguagem e está presente em todo e qualquer texto, oral ou escrito, seja num plano “*lato sensu*” seja num plano “*stricto sensu*”. Vamos neste texto abordar a argumentação “*stricto sensu*”, focalizando a questão da transposição didática das teorias linguísticas sobre argumentação para as atividades de ensino aprendizagem em sala de aula. O conhecimento linguístico sobre argumentação se estende hoje a um grande número de tópicos: texto do tipo argumentativo e sua caracterização; argumento; conclusão ou tese; classe e escala argumentativa; locutor e auditório na argumentação; acordos ou pontos de partida da argumentação; lugares da argumentação; tipos de argumentos; o uso de recursos linguísticos diversos na argumentação tais como: operadores argumentativos, pressuposições, figuras, modalidades, estabelecimento de relações (causa e consequência, oposição, concessão, conjunção, conformidade, etc.), repetições, pausas e silêncios, etc. Todo esse conhecimento gera para o professor um compromisso do tratamento argumentativo da língua. Como fazer isto é a grande pergunta que sempre é feita pelo professor e pelo lingüista aplicado. No pequeno espaço de que dispomos buscamos mostrar a essência básica da exploração desse conhecimento sobre argumentação no ensino e evidenciar sua necessidade e importância e como se pode e deve trabalhar a argumentação.

Como pré-requisito dessa empreitada, vamos apresentar alguns pontos que julgamos fundamentais no ensino de língua.

Em primeiro lugar a questão de para que se ensina língua. Nossa proposta tem sido que o **objetivo** prioritário de ensino de língua, especialmente de língua materna em que o aluno já usa a língua, mas também no ensino de língua estrangeira, seja desenvolver a competência comunicativa do aprendiz. A competência comunicativa é entendida aqui como a capacidade de usar os recursos lingüísticos de modo adequado para produzir o efeito de sentido pretendido (no caso do produtor do texto) ou perceber esse possível sentido do texto, seja ele o pretendido ou não pelo produtor do texto (no caso do receptor/compreendedor do texto) em uma situação específica e concreta de interação comunicativa. O desenvolvimento dessa competência será obtido à medida que o aluno consiga usar cada vez um maior número de recursos da língua de forma adequada para tal produção de efeito de sentido. Ou seja, o aluno passará a ser capaz de usar (tanto na produção quanto na compreensão de textos) recursos da língua que antes não dominava. Esse objetivo surge como prioritário ao se considerar que a comunicação, que se faz por meio de efeitos de sentido, é o propósito maior do uso da língua.

A **adequação do recurso** envolve certamente a capacidade de escolha dos recursos lingüísticos mais apropriados como pistas e instruções de sentido para produzir um determinado efeito de sentido, considerando-se não só o que se quer dizer, o objeto do dizer, mas também todos os fatores envolvidos na situação de interação comunicativa em termos não só de situação imediata de comunicação que é o contexto de situação (quem diz o que para quem, onde, em

que momento, por que razão, etc.), mas também em termos do contexto sócio-histórico-ideológico de funcionamento discursivo da língua. A adequação terá que dar conta, por exemplo:

- a) da escolha da variedade linguística apropriada em termos de dialetos e registros, mas também de modalidade oral ou escrita;
- b) da escolha do recurso cuja instrução/pista de sentido leva à ativação do sentido mais próximo possível do que se quer dizer;
- c) da escolha do elemento mais apropriado também ao contexto.

Em segundo lugar está a questão de em qual **plano e nível da língua** devemos focar o ensino. Estamos considerando como planos da língua o fonológico, o morfológico, o sintático, o semântico e o pragmático e teríamos três níveis: o lexical, o frasal e o textual.

Se o objetivo do ensino é desenvolver a competência comunicativa, e uma vez que a comunicação se efetiva apenas quando um interlocutor atribui um sentido, um efeito de sentido ao que o outro disse, a uma sequência linguística proferida, que pela atribuição de sentido se torna texto, creio que este fato deve nos levar a uma outra opção em termos de ensino de língua que é a de que devemos trabalhar mais com a significação. Portanto trabalhar com os significados e sentidos, ou seja, discutir sempre com o aluno que elementos de significação os recursos linguísticos podem pôr em jogo em um texto, conforme a situação em que o texto é usado. Desse modo a teoria envolvendo a classificação dos recursos linguísticos e a correspondente nomenclatura, as regras, a descrição de funcionamentos será usada mais como subsídio para montagem de atividades de ensino aprendizagem do que como objeto de ensino. Devemos, pois, trabalhar mais detidamente com o como os recursos linguísticos (unidades dos diferentes planos e níveis, construções, categorias, recursos suprasegmentais, etc.) significam nos textos, ou seja, devemos nos concentrar nos planos semântico e pragmático e no nível textual. Os planos fonológico, morfológico e sintático e os níveis lexical e frasal importam na medida em que os recursos (unidades, construções, categorias, etc.) neles identificados têm uma possibilidade significativa.

Para configurar a proposta de trabalho no ensino de argumentação que queremos propor, é preciso lembrar ainda que geralmente o ensino de língua se organiza em quatro **blocos** distintos de **atividades** de ensino/aprendizagem:

- a) as de compreensão de textos;
- b) as de produção de texto;
- c) as de ensino de vocabulário;
- d) as de ensino de gramática.

As atividades de ensino de gramática hoje são também chamadas de atividades de reflexão linguística ou de conhecimento linguístico, e nelas geralmente se trabalhava teorias com classificação de elementos da língua ou explicação de fatos por regras diversas (como as de concordância, por exemplo). O que estamos propondo é que nesse bloco, como nos demais, a ênfase seja na reflexão voltada para a significação (planos semântico e pragmático), inclusive para a reflexão sobre a questão da argumentação. Seriam atividades do tipo que Travaglia (1996) propôs com o nome de gramática reflexiva.

A proposta que se pretende configurar neste texto por meio de exemplificação é que o trabalho para desenvolver as habilidades de argumentação nos textos pode e deve ser feito dentro desses quatro blocos de atividades. Para evidenciar que isto é possível serão apresentados alguns exemplos de atividades de ensino/aprendizagem para elementos envolvidos na argumentação, usando o subsídio dos conhecimentos desenvolvidos pela Semântica Argumentativa.

A exemplificação apresentada foi tomada às atividades propostas por Travaglia, Rocha e Arruda-Fernandes (2009a, b, c, d) – volumes 6 a 9 em seu livro didático A AVENTURA DA LINGUAGEM - Língua Portuguesa (6º a 9º anos do Ensino Fundamental). As atividades serão apresentadas tal como aparecem no livro didático, sem a formatação final e o projeto gráfico. Isto será feito em todos os exemplos.

Começamos com exemplos de atividades de compreensão de textos. Continuamos com as de produção de texto e terminamos com as de ensino de vocabulário e gramática.

2) Argumentação em atividades de compreensão de texto.

Exemplo 1.

O **exemplo 1** foi extraído do volume destinado ao 6º ano, unidade 4 (Vida na Terra), capítulo 10 (Amigos. Amigos? Amigos!) da seção “Dialogando com o/outro texto” que traz exatamente as atividades de compreensão de textos. (Travaglia, Rocha e Arruda-Fernandes, 2009a, p. 197 e 198).

Neste capítulo, além do texto publicitário de ossinhos para cães apresentado aqui, havia outro texto intitulado “O coelho e o cachorro” de autoria de Mário Prata que vai aparecer numa das perguntas para compreensão do texto publicitário. No texto de Mário Prata há uma história usada como argumento para a conclusão de que as pessoas devem dar menos atenção às aparências.

Neste exemplo, a partir da publicidade, que é um texto argumentativo *stricto sensu* e foi apresentado na seção “Dialogando com outro texto 1” do capítulo, trabalha-se com o aluno a identificação da conclusão (ao pedir os objetivos na pergunta 5), dos argumentos usados (na pergunta 6A) e de como eles estão expressos pelos recursos linguísticos (na pergunta 6B).

DIALOGANDO COM OUTRO TEXTO 1

Leia o texto abaixo e, a seguir, responda as questões.

Viver feliz é bom.

BEMBOM

Combate o mau-hálito ✓
Evita o tártaro ✓
Fortalece os dentes ✓

A C&G criou BEMBOM que é natural e atóxico, feito de aparas de couro bovino, tratadas para oferecer o sabor ideal e a consistência certa. Está chegando agora, mas é o resultado de muita experiência e estudo.

500g

40 anos dando saúde para seu animal de estimação.

Dê BEMBOM a seu amiguinho!
A C&G criou os ossinhos BEMBOM. BEMBOM é natural e atóxico, feito de aparas de couro bovino, tratadas para oferecer o sabor ideal e a consistência certa para os dentes.

Se foi a C&G que fez, é bom. **40** anos dando saúde para seu animal de estimação.

5. A publicidade e a história têm o mesmo objetivo? Se sim, diga qual é o objetivo comum dos dois textos. Se não, diga o objetivo de cada um.

Não.

Texto 1: **O coelho e o cachorro:** Mostrar que as pessoas devem prestar menos atenção às aparências, porque isto pode levá-las a cometer equívocos/enganos.

Texto 2: **Publicidade:** Levar as pessoas a comprarem para os cães o ossinho de determinado fabricante.

6. A) A publicidade, ao tentar nos persuadir a comprar ossinhos da marca anunciada, só **não** usa como argumento:

- a) **X** o bom preço do produto.
- b) nosso amor pelos animais.
- c) a qualidade do produto.
- d) a longa experiência do produtor.
- e) **X** a beleza do produto.
- f) a característica do produto de fazer bem aos cães.

B) Comprove com elementos da publicidade:

- a) que o produtor tem experiência na produção de alimentos para os animais.
40 anos dando saúde para seu animal de estimação / é o resultado de muita experiência e estudo.
- b) que o amor pelos animais aparece como argumento.
Viver feliz é bom / Dê BEMBOM a seu amiguinho / A atitude da menina abraçando o cachorro.
- c) que o produtor diz fazer um produto de boa qualidade.
Se foi a C&G que fez é bom / é natural e atóxico, feito de aparas de couro bovino, tratadas para oferecer o sabor ideal e a consistência certa

Exemplo 2:

O **exemplo 2** foi extraído do volume destinado ao 8º ano, unidade 3 (Essa nossa vida), capítulo 7 (A ciência da felicidade) da seção “Dialogando com o texto” que traz, como já dito, as atividades de compreensão de textos (Travaglia, Rocha e Arruda-Fernandes, 2009c, p. 216 a 223).

Neste exemplo é trabalhada a questão dos tipos de argumentos: a) por autoridade (citação de estudiosos, especialistas, pesquisas realizadas) (Cf. perguntas 13A e 13B); b) por prova concreta, seja pela apresentação de depoimentos de vida (Cf. pergunta 15) ou de dados de pesquisa (Cf. pergunta 17). Além disso, chama a atenção para a manipulação na argumentação pela citação apenas de elementos favoráveis a uma conclusão (Cf. pergunta 14). Trabalha também a identificação de conclusões, como na pergunta 15 ao pedir ao aluno que identifique qual a idéia que o exemplo de vida ajuda a sustentar.

No caso da argumentação por autoridade pode-se trabalhar na parte da reflexão linguística as construções de conformidade (muito usadas na introdução de argumentos por autoridade) e observar outras funções dessa mesma construção (por exemplo, eximir-se de responsabilidade, conforme o tipo de texto – uma notícia – para dizer que determinada afirmação se deve a outrem).

No capítulo do livro didático aparece a reportagem que reproduzimos a seguir. A partir dessa reportagem são feitas as perguntas de compreensão na seção “Dialogando com o texto”,

das quais reproduzimos aqui apenas as que se relacionam de algum modo com a argumentação.

A nova ciência da felicidade

Os psicólogos sempre se preocuparam com a doença. Agora voltam sua atenção para uma questão mais desafiadora: o que nos torna felizes?

David Cohen e Aida Veiga

colaboraram Renata Leal e Tânia Nogueira

Há 2.400 anos, um sujeito chamado Sócrates, que perambulava pelas ruas de Atenas, na Grécia, iniciou um debate que dura até hoje: o que é felicidade? Como atingi-la? Até então, as pessoas acreditavam que dependiam basicamente dos desígnios dos deuses - como explica o professor de História da Universidade da Flórida Darrin McMahon, autor do recém-lançado livro *Happiness: a History* (Felicidade: uma História). A própria origem da palavra denota isso. Happiness vem do anglo-saxão happ, acaso. Felicitas, o termo latino que dá origem a felicidade, significa também ventura, sorte, algo que lhe acontece.

O grande avanço de Sócrates foi tornar a busca da felicidade uma tarefa de responsabilidade do ser humano, e não do acaso. Nos dois milênios que se seguiram, a questão foi abordada por inúmeros pensadores, de Aristóteles aos grandes filósofos cristãos, e a noção de felicidade oscilou entre várias tentativas de conciliar a conduta individual e a ordem divina. 'Tudo mudou com o Iluminismo', afirma McMahon. 'No século XVIII, felicidade passou a ser algo a que todos temos direito como seres humanos.' Um dos conceitos básicos da Revolução Francesa, marco da moderna sociedade ocidental, é que o objetivo da sociedade deveria ser a felicidade geral. Na Constituição americana, já na segunda linha está escrito que todo homem tem o direito inalienável à vida, à liberdade e à busca da felicidade. No Brasil, um exemplo da força desse apelo foi o mote da campanha eleitoral de Luiz Inácio Lula da Silva, em 1989, Sem Medo de Ser Feliz.

Nos últimos dois séculos, portanto, felicidade tem sido um dos principais parâmetros para conferir sentido à vida humana. E, agora, todo o nosso conhecimento sobre o assunto vem sendo virado do avesso.

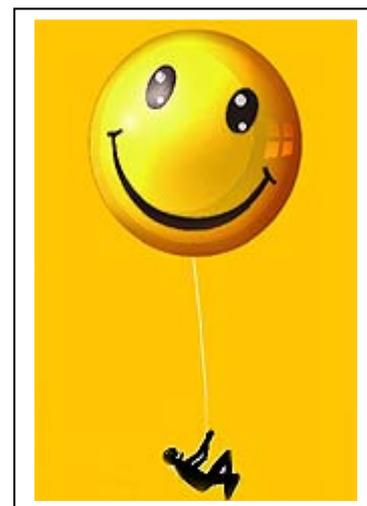
Novas pesquisas mostram que não são as nossas conquistas, o nosso esforço, as

Não é o sucesso que nos torna felizes. É a felicidade que traz sucesso

nossas realizações que nos tornam felizes. É o oposto. É a felicidade que, em grande parte, determina nossas conquistas. 'Fiz uma revisão dos 225 estudos mais importantes sobre felicidade sob várias perspectivas, tanto em laboratório como em entrevistas', diz a psicóloga Sonja Lyubomirsky, da Universidade da Califórnia, que está escrevendo um livro sobre o assunto. "Cheguei à conclusão de que, ao contrário do que

muitos imaginam, é a felicidade que leva ao sucesso - e sucesso tanto no trabalho quanto na vida pessoal, na escola, em tudo", afirma.

"Pessoas felizes têm mais capacidade de perseguir seus objetivos e adquirir os meios de conquistá-los", diz Sonja. "Elas também costumam ser mais confiantes, otimistas, energéticas e sociáveis, e estão mais preparadas para



enfrentar situações difíceis”. Além disso, pessoas felizes tendem a ter relacionamentos mais longos, casamentos melhores, ser mais saudáveis e viver mais.

O sucesso no trabalho decorre principalmente de seus laços sociais, segundo Sonja. “Pessoas felizes são mais queridas, recebem mais tarefas, são mais bem avaliadas”, diz. Elas também trabalham com mais energia e são mais criativas. “No mundo competitivo em que vivemos, a agressividade é muitas vezes uma característica importante. Mas felicidade conta mais.”

Os estudos que dão base a essas conclusões são dos mais diversos tipos. Num deles, milhares de estudantes foram entrevistados na década de 70 e, depois, nos anos 90. Aqueles que se consideravam mais felizes nos anos 70 continuavam sendo mais felizes 20 anos depois - e ganhavam, em média, US\$ 15 mil por ano a mais que os outros.

Num segundo estudo, borrifou-se um spray com vírus de gripe em centenas de voluntários. O número de pessoas que ficaram resfriadas no grupo das mais felizes era a metade das pessoas menos felizes. Ou seja, seu sistema imunológico era melhor. Outro estudo acompanhou um grupo de freiras desde que tinham 22 anos. As mais felizes viveram, em média, dez anos a mais.

A psicóloga Laura Kubzansky, da escola de saúde pública de Harvard, acompanhou os dados de 1.300 homens durante dez anos. Aqueles que se consideravam otimistas tiveram a metade dos índices de doenças do coração. “É um efeito muito maior do que esperávamos encontrar”, disse, numa entrevista à revista Time. “Tão grande quanto a diferença entre fumantes e não-fumantes.”

O psicólogo Edward Diener, da Universidade de Illinois, um pesquisador do assunto tão prolífico que foi apelidado de Doutor Felicidade, resume as benesses em sete pontos:

1. Pessoas felizes têm sistema imunológico melhor, e há alguma evidência de que vivem mais;
2. Elas são mais criativas, pelo menos em laboratório;
3. Ajudam mais os outros e faltam menos ao trabalho;
4. São mais bem-sucedidas (ganham mais, têm casamentos melhores);
5. Têm relações sociais mais profundas;
6. Lidam melhor com situações difíceis;
7. Gostam mais de si mesmas e dos outros, e os outros gostam mais delas.



EVOLUÇÃO

A alegria de torcer é uma característica herdada de nossos ancestrais

O único ponto negativo é que as pessoas felizes são em geral piores na tomada de decisões: tendem a se guiar mais por estereótipos e ser menos lógicas. Mesmo isso, no entanto, Diener põe em dúvida. “O exame minucioso de todas as coisas, feito pelas pessoas infelizes, tem um custo substancial no longo prazo”, escreveu Diener em seu site (www.psych.uiuc.edu/~ediener). “Esses indivíduos podem gastar tempo demais em problemas triviais, e portanto não agir com eficiência.”

Certo, então os cientistas concluíram que é ótimo ser feliz. Como se ninguém desconfiasse. E o que eles têm a dizer sobre como chegar lá? Algumas coisas muito interessantes. Para começar, vários estudos comprovam dados da sabedoria popular: ter amigos, por exemplo, faz uma tremenda diferença para o bem-estar de uma pessoa. Segundo o psicólogo Jonathan Haidt, autor do livro *The Happiness Hypothesis* (A Hipótese da Felicidade), precisamos fazer parte de um grupo, algo que a vida moderna tem tornado difícil. Saúde, como era de esperar, também importa muito. Quando seu time ganha, há uma explosão de felicidade (segundo o psicólogo Robert Cialdini, uma sensação similar à que nossos ancestrais sentiam quando derrotavam inimigos em uma batalha). Conquistar coisas, por outro lado, dá mais prazer se você tem de se esforçar por elas (estão certas, aparentemente, as moças que se fazem de difíceis para ser mais valorizadas).

Professor(a),
se o aluno perguntar,
explique que
Lacaniana refere-se
àqueles que seguem a
proposta de Lacan,
psicanalista francês.

Mas o senso comum também costuma se equivocar. É freqüente, por exemplo, a crença de que a beleza ajuda a ser feliz. “Diante de uma mulher muito bonita, a tendência é pensar que o universo conspirou para que ela fosse feliz”, diz o psicanalista Jorge Forbes, presidente do Instituto de Análise Lacaniana e autor do livro *Você Quer o Que Deseja?*. “Mas poucos sabem como é difícil suportar uma qualidade que é tão evidente para todos. Vejo muitas mulheres que fazem análise justamente porque são muito bonitas e têm dificuldade de lidar com isso.”

A euforia de ganhar na loteria não dura mais que alguns meses

Outra crença comum é que ganhar na loteria resolve a vida de qualquer um. Mas uma pesquisa dos psicólogos Philip Brickman e Donald Campbell, amplamente replicada, demonstrou que a felicidade obtida com o bilhete premiado não dura mais que alguns meses. Alguém em posição para entender isso é Valmir Amorim, que ganhou na Sena, em 1988, o equivalente a R\$ 12 milhões em dinheiro de hoje.

“Eu tinha 23 anos, era solteiro e trabalhava como pedreiro na reforma da penitenciária do Estado”, diz Amorim. Ele comprou uma fazenda e gado e foi morar com a família no interior de São Paulo. “No começo, era infeliz porque não me deixavam em paz. Todo mundo pedia ajuda. Tive até de contratar segurança.” Amorim diz que, com o tempo, voltou a seu nível de satisfação anterior. Afirma que, recentemente, começou a “sentir um vazio”. “Como tinha as noites livres e os três filhos crescidos, decidi voltar a estudar. Quero cursar a faculdade de Veterinária. É um sonho felicíssimo no dia em que me formar veterinário.”

LOTERIA

Valmir Amorim ganhou na Sena. Comprou fazenda e gado. Mas diz que ainda não é feliz

O mesmo ocorre para o lado negativo. Estudos com paraplégicos mostram que, no intervalo de poucos meses, eles relatam ter voltado a um nível de satisfação com a vida próximo ao que tinham antes de sofrer o acidente. O estudante paulista Júlio Teruyu, vítima de uma bala perdida que causou a amputação de uma de suas pernas há seis anos, quando tinha 14, concorda com a tese. “Fiquei revoltado,

xingava todo mundo, entrei em depressão quando tudo aconteceu”, afirma. “Melhorei quando comecei a fazer fisioterapia e vi outros tipos de deficiência piores que a minha. Hoje, trabalho como analista de apólices e faço faculdade. Gosto muito de dançar e, como uso prótese, faço o que quero. Tenho um grupo de dança e já participei até de concurso.” Teruyu diz que se tornou uma pessoa mais feliz. “Antes do acidente, eu era feliz, mas só dava importância para os bens materiais. Hoje, dou valor ao que realmente merece.”

ADAPTAÇÃO

Com 14 anos, Júlio Teruyu levou um tiro e teve a perna amputada. Hoje, diz ser mais feliz que antes, porque 'dá valor ao que realmente importa'

Professor(a),
se o aluno perguntar,
explique que
hedonista é a pessoa
que se dedica ao
prazer como estilo de
vida.

Brickman e Campbell cunharam a expressão 'esteira hedonista' para explicar a situação. Segundo eles, as pessoas se adaptam aos prazeres, mais ou menos como você se acostuma à água fria de um rio e, depois de alguns minutos, o que conta não é a temperatura em si, mas a variação da temperatura. O termo ajuda a explicar o círculo vicioso que prende os consumistas: eles compram, mas o produto que levam para casa perde a capacidade de satisfazer rapidamente. O psicólogo evolucionista Geoffrey Miller, que pesquisa o comportamento de consumidores, afirma que produtos não-essenciais deveriam vir com o seguinte aviso: "Cuidado! Pesquisas científicas advertem que este produto vai aumentar seu bem-estar apenas no curto prazo, se tanto, e não afetará seu nível geral de felicidade".

Por isso estaria correto aquele ditado, tão ironizado, de que dinheiro não traz felicidade. É o que indica um levantamento feito pelo Target Group Index - Ibope Media especialmente para ÉPOCA: os brasileiros mais ricos têm os menores índices de satisfação (leia o quadro 'números da felicidade'). Para eles, talvez valha a lição de Severino Pereira da Silva, de 63 anos, morador de Lagoa Seca, município do Agreste paraibano: "Quem tem saúde, um teto para morar, alguém para gostar e ainda reclama... só pode ser soberba". Biró, como é chamado, é conhecido pelo sorriso largo e pelo eterno otimismo. "Planto feijão e milho. Passo o dia na enxada. O trabalho é duro, mas a vida é boa. Quero mais o quê? Tem comida em casa e minha véia para fazer um dengo de vez em quando."

Outro problema no estudo da felicidade é que o termo não comporta definições precisas. É bem-estar? É satisfação? É êxtase? É a serenidade da contemplação? Martin Seligman, presidente da Associação de Psicologia Americana (APA), faz distinção entre três tipos de felicidade. A primeira é a vida prazerosa, o modo Hollywood de enxergar a felicidade. A segunda é a 'boa vida', como a que Aristóteles pregava: a contemplação e as boas conversas, estar totalmente imerso em uma experiência - que o psicólogo húngaro Mihaly Csikszentmihalyi define como 'flow'. Para Csikszentmihalyi, atividades esportivas, música, leitura, são atividades típicas de 'flow'. Mas o trabalho também pode ser. Ele cita os empreendedores como uma classe especialmente propensa à felicidade, por entregar-se à atividade completamente.

Paulo Barosi, dono de restaurantes especializados em sushi em São Paulo e no Rio de Janeiro, é um exemplo. "Sou irrequieto e, quando era criança, isso sempre foi um problema", diz. "Eu me sentia rejeitado porque não tinha liberdade para fazer nada. Quando tomei o prumo de minha vida, os problemas acabaram. Interferir no mundo de uma maneira positiva me traz uma felicidade incomensurável.

A terceira forma de felicidade é ter um sentido de vida, a sensação de ligar-se a algo maior que si mesmo. Pode ser religião, pode ser um trabalho voluntário, uma missão. A psicóloga Flávia Bochernitsan afirma que só passou a se sentir feliz quando se envolveu com o Projeto Felicidade, um programa de auxílio a crianças com câncer. "Eu era superocupada, precisava cumprir uma série de metas impostas por mim mesma", diz. "Sempre achei que o próximo fosse tarefa do governo. Até que me envolvi sem perceber. Hoje, vejo que fazer uma criança com câncer sorrir é como um milagre. E isso desabrochou em mim um milagre chamado felicidade."

O acelerado avanço nos estudos sobre felicidade vem ocorrendo por causa de uma revolução no terreno da psicologia. Em 1998, quando Martin Seligman se tornou o presidente da APA, ele assumiu a bandeira de mudar a ênfase dos trabalhos acadêmicos na área. "Até hoje, a psicologia se preocupou em tratar as doenças", escreveu Seligman no site de ciência Edge (www.edge.org). "E foi muito bem-sucedida. Catorze grandes doenças mentais são hoje tratáveis." O custo, afirma ele, é que, ao pôr tanta ênfase no lado negativo, deixa-se de prestar atenção no positivo. "Como estávamos tentando desfazer as patologias, não desenvolvemos intervenções para tornar as pessoas mais felizes".

NÚMEROS DA FELICIDADE	
DE BEM COM A VIDA	
A maioria dos brasileiros diz estar satisfeita com seu estilo de vida	
Muito satisfeito	31%
Satisfeito	21%
Insatisfeito	18%
Muito insatisfeito	14%
Neutro	13%
Não sabe	3%

RIQUEZA TRISTE	
Os mais ricos são os mais infelizes. A renda média familiar mensal das pessoas que estão totalmente satisfeitas é de R\$ 1.694	
Entre R\$ 600 e R\$ 1.499	39%
Até R\$ 599	27%
Entre R\$ 1.500 e R\$ 2.999	16%
Entre R\$ 3.000 e R\$ 8.999	10%
Não declarou	6%

**SUA VIDA ESTÁ MELHOR DO QUE
NO PASSADO?**

Separados e viúvos têm índices de
satisfação menor

Casados	67%
Solteiros	66%
Separados	58%
Viúvos	49%

Fonte: Ipsos

R\$ 9.000 ou mais	2%
--------------------------	-----------

(Parte de reportagem **publicada** em Época, 10 de abril de 2006, seção Sociedade.

Disponível em: < <http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT1174471-1664,00.html>>. Acesso 22 de abril de 2008)

DIALOGANDO COM O TEXTO

13 . A) Por que, em muitos momentos (Veja alguns exemplos abaixo), o repórter cita a fala de especialistas no assunto que são pesquisadores, professores universitários, autores de livro ou relata pesquisas já desenvolvidas?

- a) “Até então, as pessoas acreditavam que dependiam basicamente dos desígnios dos deuses - **como explica o professor de História da Universidade da Flórida Darrin McMahon, autor do recém-lançado livro *Happiness: a History* (Felicidade: uma História).**”
- b) “**Segundo o psicólogo Jonathan Haidt, autor do livro *The Happiness Hypothesis* (A Hipótese da Felicidade),** precisamos fazer parte de um grupo, algo que a vida moderna tem tornado difícil.”
- c) “‘Fiz uma revisão dos 225 estudos mais importantes sobre felicidade sob várias perspectivas, tanto em laboratório como em entrevistas’, **diz a psicóloga Sonja Lyubomirsky, da Universidade da Califórnia,** que está escrevendo um livro sobre o assunto.”
- d) “‘Tudo mudou com o Iluminismo’, **afirma McMahon.**”
- e) “**O psicólogo Edward Diener, da Universidade de Illinois, um pesquisador do assunto tão prolífico que foi apelidado de Doutor Felicidade, resume as benesses em sete pontos:** [...]”

A reportagem está apresentando idéias sobre a felicidade. Para dar credibilidade ao que diz e influenciar as pessoas a aumentarem sua adesão a estas idéias, o repórter apresenta estas idéias não como dele, mas como propostas por especialistas, pesquisadores, estudiosos, que trabalham em universidades e são autores de livros sobre o assunto e, portanto, autoridades cujo pensamento deve ser respeitado. É o argumento por autoridade.

Professor (a), durante a discussão dessa questão indique para os alunos que este é um modo de argumentar, usando a autoridade de alguém, um especialista, alguém como muita experiência e, portanto, alguém reconhecidamente com competência em dado assunto para dar opiniões bem fundamentadas e que por isto mesmo merecem/devem ser acatadas como corretas. O mesmo com relação aos estudos científicos, as pesquisas.

B) Em muitos momentos o repórter cita pesquisas e estudos científicos realizados. Encontre alguns e explique porque o repórter cita tais pesquisas e estudos científicos.

A resposta é semelhante à da questão A: é uma argumentação por autoridade, mas agora não de uma pessoa apenas, mas a autoridade e credibilidade dos estudos científicos.

14. Na reportagem só ocorrem depoimentos, citações e resultados de pesquisa favoráveis à idéia de que o sucesso traz felicidade ou de que a felicidade é obtida nas coisas simples.

a) Com base nisso, pode-se afirmar que não há pessoas, estudiosos ou resultados de pesquisa contrários a essa idéia?

b) Por que o autor utilizou-se apenas de fatos favoráveis?

a) Não. Muito provavelmente há pessoas com opiniões divergentes.

b) Para reforçar a sua posição sobre o assunto. Ele poderia ter colocado os fatos divergentes e rebatido as idéias que não coincidem com o que ele propõe.

15. O que você observou na questão 13 é um modo de argumentar, para que as pessoas aceitem idéias apresentadas. Outro modo de argumentar é apresentar fatos, acontecimentos ou casos que confirmam que o que se diz é realidade. Assim, por exemplo, nos parágrafos 14 e 15, a história de vida de Valmir Amorim foi usada para mostrar que ganhar dinheiro não traz felicidade e que a alegria de ganhar na loteria passa logo. Encontre na reportagem trechos em que o repórter utilizou histórias reais, casos concretos para ajudar a aceitação de uma idéia pelo leitor. Diga qual a idéia que a história ou caso sustenta.

No parágrafo 16, o exemplo de Júlio Teruyu para mostrar que a tristeza também passa rápido. No parágrafo 18, o exemplo de Severino Pereira da Silva, para a idéia de que dinheiro não é necessário para ser feliz. No parágrafo 20, o exemplo de Paulo Borosi, para mostrar que a imersão em uma atividade (o *flow*) traz felicidade. No parágrafo 21, o exemplo de Flávia Bochernitsan, para mostrar que ter um sentido de vida, o estar ligado a algo maior traz felicidade.

17. Um outro modo de levar as pessoas a aceitarem idéias que se está apresentando é apresentar dados que comprovem algo que se diz. Que dados são apresentados para:

a) Mostrar que os brasileiros tendem a se sentir satisfeitos.

Os dados da tabela com o título “De bem com a vida”.

b) Que a riqueza, o dinheiro não é suficiente para trazer felicidade.

Os dados da tabela com o título “Riqueza triste”.

c) Que as pessoas que perderam alguém acham que antes se sentiam melhor.

Os dados da tabela com o título “Sua vida está melhor do que no passado”.

3) Argumentação em atividades de produção de textos orais e escritos

Passamos agora aos exemplos de atividades de **produção de textos**. Para esta área de atividades apresentamos os exemplos 3 e 4

Exemplo 3 (Produção de texto oral – uma discussão sustentada por argumentos):

O **exemplo 3** foi extraído do volume destinado ao 6º ano, unidade 2 (Mundo social: eu, tu, ele), capítulo 4 (Dizer como é). Este capítulo trabalha a descrição. A atividade aqui apresentada foi retirada da seção “Discutindo” que trabalha a produção de textos orais, geralmente argumentativos, a partir de idéias sugeridas nos textos trabalhados. (Travaglia, Rocha e Arruda-Fernandes, 2009a, p. 66 a 68).

Neste capítulo a partir do texto “Edmundo, o céptico” de Cecília Meireles, a argumentação em produção de texto oral é trabalhada, fazendo com que o aluno levante argumentos a favor de posições (conclusões) contraditórias e depois verifique se os argumentos permitem fechar questão sobre algo polêmico. Desse modo se faz o aluno perceber que as opiniões podem ser defendidas, sustentadas, mas nem sempre se pode comprovar que uma opinião é a que deve ser considerada a única válida.

DIALOGANDO COM OUTRO TEXTO 2

Edmundo, o Céptico

Cecília Meireles

Naquele tempo, nós não sabíamos o que fosse cepticismo. Mas Edmundo era céptico. As pessoas aborreciam-se e chamavam-no de teimoso. Era uma grande injustiça e uma definição errada.

Ele queria quebrar com os dentes os caroços de ameixa, para chupar um melzinho que há lá dentro. As pessoas diziam-lhe que os caroços eram mais duros que os seus dentes. Ele quebrou os dentes com a verificação. Mas verificou. E nós todos aprendemos à sua custa. (O cepticismo também tem o seu valor!)

Disseram-lhe que, mergulhando de cabeça na pipa d'água do quintal, podia morrer afogado. Não se assustou com a idéia da morte: queria saber é se lhe diziam a verdade. E só não morreu porque o jardineiro andava perto.

Na lição de catecismo, quando lhe disseram que os sábios desprezam os bens deste mundo, ele perguntou lá do fundo da sala: "E o rei Salomão?" Foi preciso a professora fazer uma conferência sobre o assunto; e ele não saiu convencido. Dizia: "Só vendo." E em certas ocasiões, depois de lhe mostrarem tudo o que queria ver, ainda duvidava. "Talvez eu não tenha visto direito. Eles sempre atrapalham." (*Eles eram os adultos.*)

Edmundo foi aluno muito difícil. Até os colegas perdiam a paciência com as suas dúvidas. Alguém devia ter tentado enganá-lo, um dia, para que ele assim desconfiasse de tudo e de todos. Mas de si, não; pois foi a primeira pessoa que me disse estar a ponto de inventar o moto contínuo, invenção que naquele tempo andava muito em moda, mais ou menos como, hoje, as aventuras espaciais.

Edmundo estava sempre em guarda contra os adultos: eram os nossos permanentes adversários. Só diziam mentiras. Tinham a força ao seu dispor (representada por várias formas de agressão, da palmada ao quarto escuro, passando por várias etapas muito variadas). Edmundo reconhecia a sua inutilidade de lutar; mas tinha o brio de não se deixar vencer facilmente.

Numa festa de aniversário, apareceu, entre números de piano e canto (ah! delícias dos saraus de outrora!), apareceu um mágico com a sua cartola, o seu lenço, bigodes retorcidos e flor na lapela. Nenhum de nós se importaria muito com a verdade: era tão engraçado ver saírem cinqüenta fitas de dentro de uma só... e o copo d'água ficar cheio de vinho...

Edmundo resistiu um pouco. Depois, achou que todos estávamos ficando bobos demais. Disse: "Eu não acredito!" Foi mexer no arsenal do mágico e não pudemos ver mais as moedas entrarem por um ouvido e saírem pelo outro, nem da

cartola vazia debandar um pombo voando... (Edmundo estragava tudo. Edmundo não admitia a mentira. Edmundo morreu cedo. E quem sabe, meu Deus, com que verdades?)

(Texto extraído do livro "Quadrante 2", Editora do Autor - Rio de Janeiro, 1962, p. 122.)

DISCUTINDO

1. Agora você já pode ter uma opinião. Ser um céptico é bom ou ruim? Será que sua opinião é a mesma de seus colegas?
2. Escolha uma das duas posições:

SER CÉPTICO É BOM

OU

SER CÉPTICO É RUIM

Faça uma lista de razões ou motivos para sua posição. Depois, discuta isto com a sala toda.

3. A turma divide-se em dois grupos:
 - Grupo 1:** Aqueles para quem ser céptico é bom.
 - Grupo 2:** Aqueles para quem ser céptico é ruim.
 - a) O quadro deve ser dividido em 2 e um representante de cada grupo vai registrando os argumentos que justificam a opinião de cada grupo.
 - b) Após conhecer os argumentos de cada grupo, a turma discute se é possível decidir se ser céptico é bom ou ruim.

Exemplo 4:

O **exemplo 4** foi extraído do volume destinado ao 8º ano, unidade 3 (Essa nossa vida), capítulo 9 (Viva feliz sem drogas). A atividade foi retirada da seção "Produzindo....." em que geralmente se trabalha com a produção de textos escritos. (Travaglia, Rocha e Arruda-Fernandes, 2009c, p. 266 a 271).

Neste exemplo trabalha-se a produção de um texto escrito argumentativo, seguindo uma estrutura argumentativa já vista em texto lido: narrativas (que funcionam como argumentos por exemplos – prova concreta) que sustentam uma conclusão. A estrutura a ser imitada é a do terceiro texto que aparece no capítulo: "A menina dos fósforos" de Lídia Rosenberg Aratangy que transcrevemos a seguir. Como se pode ver a autora apresenta uma história para argumentar sobre a perda da realidade pelos usuários de drogas. A atividade leva também o aluno a tomar uma ideia como conclusão ou tese que quer defender (Cf. 1º passo) e correlacionar com esta ideia fatos que podem sustentá-la (Cf. 2º passo). A atividade começa a alertar o aprendiz de que deve considerar o seu auditório e que o texto pode ter de ser construído de determinado modo em função das características do auditório (Cf. 3º passo).

O exemplo evidentemente trabalha outras habilidades não diretamente relacionadas com a argumentação, como por exemplo: a) saber que um texto, além da estrutura argumentativa básica vista acima, tem uma estrutura tópica e que portanto é preciso dar uma estrutura desse tipo ao texto (Cf. 4º passo – itens 1º a 3º); b) a necessidade e importância do

título do texto (Cf. 4º passo – item 4º); c) como estruturar um livro (esta parte da atividade não foi transcrita aqui, por não estar diretamente relacionada com a argumentação); etc. Além disso chama-se a atenção para a necessidade de revisar os textos que escrevemos em vários aspectos (Cf. 5º passo)

TEXTO 3:

A MENINA DOS FÓSFOROS

Lídia Rosenberg Aratangy

Era véspera de Ano Novo, e a menina (tão pequena, coitadinha!) que vendia fósforos estava com muito frio e com muita fome. Seu estoque de fósforos coloridos estava intacto, ninguém tinha comprado nada. Ainda por cima, ela tinha perdido seus chinelos na neve e seus pezinhos estavam enregelados.

Ela sabia que não podia voltar para casa, pois tinha certeza de que iria levar a maior surra do pai, com quem vivia sozinha, desde a morte da mãe. Ele batia nela constantemente e contava com o dinheiro da venda dos fósforos para comprar comida e bebida. A menina não podia chegar de mãos vazias.

O frio aumentou e ela resolveu acender um só dos fósforos coloridos, para se aquecer um pouco.

A pequena chama azulada trouxe mais do que um pouco de calor. Na luz bruxuleante do fósforo, seus olhinhos chorosos vislumbraram um fogareiro de ferro, onde a lenha crepitava e esquentava tanto, tanto, que ela estendeu também os seus pezinhos, para que se aquecessem.

Mas, muito depressa, a chama se extinguiu, o fogareiro desapareceu, e a menina se viu sentada no mesmo lugar, no chão gelado, tendo nas mãos o resto apagado do fósforo.

A noite, no entanto, parecia agora mais escura, mais fria, mais assustadora do que antes, quando ela ainda não tinha visto a luz mágica da pequena chama colorida.

Riscou rapidamente um segundo fósforo. Desta vez, seus olhos se depararam com a visão de uma sala de jantar, com a mesa posta, tendo ao centro uma enorme travessa com um peru assado, rodeado de ameixas, uvas e maçãs.

Apagou-se o fósforo. De novo, a menina se viu no frio da noite, enregelada e faminta, diante de uma parede escura e triste, que agora lhe parecia ainda mais escura, ainda mais triste.

Mais que depressa, a menina acendeu um terceiro fósforo. Desta vez, ela se viu diante da figura carinhosa de sua mãezinha, morta há tanto tempo.

Com medo de que a imagem querida também se desvanecesse no ar, como o fogareiro, como a comida, ela se pôe apressadamente a acender um fósforo atrás de outro, até queimar todo o pacote. A luz assim produzida tinha uma claridade mais brilhante do que o dia, seu calor parecia mais quente do que o Sol.

E a um aceno sorridente de sua mãe, a menina deixou-se conduzir, segurando com suas mãozinhas frias as mãos quentes e macias que sua mãezinha lhe estendia. Seguiu-a, em direção às mais brilhantes estrelas do firmamento.

Quando clareou a fria manhã do Ano Novo, os passantes encontraram a menina sentada no chão, cercada pelos restos de fósforos queimados. Com as faces arroxeadas, ainda com um sorriso nos lábios. Morta de frio.

— Quis aquecer-se, coitadinha! Disse alguém, ao passar.



Muitas vezes, a realidade em que a gente vive é tão ruim, tão feia e tão triste, que dá vontade de escapar dela, mesmo a qualquer preço.

O problema é que, em geral, as drogas fazem com que as pessoas acabem se esquecendo de que havia uma realidade da qual queriam fugir — e as pessoas passam a acreditar que não foram elas que fugiram, mas que foi a realidade que mudou. Isto é, acabam acreditando que conseguiram provocar alguma mudança no mundo e resolver algum problema, quando o que conseguiram foi apenas colocar uma espécie de lente para mudar o seu jeito de ver um mundo que continua tão ruim, tão feito e tão triste como antes. Só que mais perigoso.

Essa espécie de sinal de realidade, essa capacidade de distinguir entre o real e o imaginário — que se perde com a droga — é um dos mecanismos responsáveis pela sobrevivência humana.

Quando um bebê recém-nascido está com fome, é provável que ele crie, em sua fantasia visões do seio da mãe, farto de leite. Esse fenômeno ajuda o bebê a tolerar a privação por algum tempo: permite que ele se acalme e não caia no maior desespero, enquanto a mãe não vem atendê-lo.

No entanto, se não houvesse algum sinal que identificasse aquilo como irreal, se o bebê acreditasse mesmo que estava sendo alimentado por aquele seio fantasma e se sentisse saciado com isso, acabaria por morrer de fome.

Como a Pequena Vendedora de Fósforos.

ARATANGY, Lídia Rosenberg. **Doces venenos:** conversas e desconversas sobre drogas. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1991, p. 173-175.

A seguir a atividade de produção de texto em que se trabalha o que dissemos antes do texto.

PRODUZINDO UM TEXTO ARGUMENTATIVO

Uma pessoa pode ou não ajudar outra a ser mais feliz?

Qual resposta você daria a esta pergunta? Você escreverá um texto argumentativo, com uma organização semelhante à do texto escrito pela psicóloga Lídia Rosenberg Aratangy, para mostrar sua opinião sobre este assunto. Seu texto e o de seus colegas deverão compor um livro que poderá ficar na biblioteca para ser lido por toda a comunidade escolar. Para isso siga os passos apresentados abaixo.

1º passo: *deixar claro sua opinião sobre o assunto*

Você viu no Capítulo 6 que argumentar é tentar influenciar o outro em relação a um modo de pensar ou agir. Por isso, primeiro, você precisa saber com clareza qual o seu ponto de vista sobre o assunto. Há diversas formas de responder a pergunta acima. Veja algumas possibilidades:

Uma pessoa pode ajudar outra a enfrentar um problema, superar dificuldades e, conseqüentemente, ser mais feliz.

ou

A pessoa precisa aprender a se virar, sem depender dos outros. Muito ajuda quem não atrapalha.

ou

Ninguém pode ajudar o outro a enfrentar um problema ou superar dificuldades, muito menos a ser mais feliz. O máximo que se pode fazer é dar apoio moral.

Qual ponto de vista ou tese você acha mais real? Se você não concordar com os pontos de vista acima, pode criar outro, desde que responda de alguma forma a pergunta Uma pessoa pode ou não ajudar outra a ser mais feliz?

2º passo: buscar depoimentos, casos reais que sirvam de argumentos para sua tese.

No texto “A menina dos fósforos”, a autora utiliza-se de um conto como argumento. Você utilizará de casos reais. Você sabe de algum caso real que comprove a sua opinião sobre este assunto? Por exemplo:

Se você for sustentar a tese de que um amigo pode ajudar uma pessoa a encontrar a solução para um problema, procure se lembrar de um caso em que isto realmente aconteceu com você ou com uma pessoa conhecida. Ou ainda, de um caso em que, por falta de ajuda, uma pessoa sofreu muito ou entrou em um caminho muito perigoso.

Se você for sustentar a tese de que ninguém ajuda o outro a resolver problemas pessoais, procure se lembrar de um caso em que uma pessoa foi ajudar outra, e isto só trouxe problemas; ou de alguém que, com seus próprios esforços, conseguiu superar um período muito difícil de sua vida.

Se não se lembrar de nenhum caso que possa ilustrar sua posição, converse com parentes, amigos, professores, conhecidos. Antes pense como será essa conversa e como registrá-la.

3º passo: imaginar o leitor.

Antes de escrever o texto, você precisa pensar nas pessoas que irão lê-lo. Imagine como será o leitor do livro, o que pensa sobre o assunto. Se seu texto argumentativo deverá influenciar o leitor, então encontre a melhor forma de apresentar suas idéias para conseguir seu objetivo. Por isso, procure criar uma imagem deste leitor e, ao escrever, imagine como ele irá reagir ao ler o que você está escrevendo.

4º passo: escrever o texto

Você já tem:

- a tese
- argumentos
- imagem de seu leitor

Agora, mãos à obra. Não se esqueça que seu texto deverá ter a seguinte estrutura:

(1º) **depoimentos ou casos reais** – relate um ou mais casos escolhidos entre os que você já conhecia ou entre os depoimentos que você ouviu.

(2º) **exposição de seu ponto de vista** - a partir do(s) caso(s) relatado(s), desenvolva suas idéias sobre o assunto. Seja convincente!

(3º) **conclusão** – elabore uma conclusão para seu texto: pode ser um resumo das idéias apresentadas ou uma sugestão para seu leitor de como agir. Ou ainda a citação de algum trecho que você leu ou palavras que você ouviu que reforçam sua opinião.

(4º) **título** – se ainda não deu um título a seu texto, está na hora de fazê-lo. Você pode utilizar a pergunta que motivou a produção do texto ou criar um novo. Se resolver produzir seu próprio título, saiba que um título deve ser atraente e sugestivo: ao mesmo tempo em que deve dar uma idéia do que será tratado no texto, deve despertar o interesse do leitor. Seja criativo!

5º passo: *revisar o texto*.

1. Terminada a primeira versão de seu texto, releia-o para ver se é preciso corrigir ou acrescentar algo. Verifique:
 - se os depoimentos ou casos foram relatados claramente;
 - se as idéias expostas realmente se relacionam com os depoimentos ou casos;
 - se o texto atende ao objetivo: convencer o leitor de que sua opinião está adequada ou, pelo menos, deve ser considerada.
 - se as palavras e construções foram empregadas adequadamente, de acordo com a situação comunicativa, a norma padrão e as convenções ortográficas.
 - se os sinais de pontuação foram empregados adequadamente, facilitando a leitura e ajudando, quando for o caso, a tornar o texto mais expressivo.

2. Reúna-se com um colega para concluir a revisão: você faz a revisão do texto de seu colega e ele faz a do seu texto. Sigam as mesmas orientações do item anterior.
 - O objetivo desta revisão é ajudá-lo a produzir um bom texto, por isso aceite as sugestões de seu colega e, por outro lado, seja gentil e respeitoso ao fazer a apreciação do texto de seu colega.

4) **Argumentação em atividades de ensino de vocabulário e gramática.**

Passamos agora aos exemplos de atividades de **ensino de vocabulário e gramática**. Para esta área de atividades apresentamos os exemplos 5 e 6

Exemplo 5

O **exemplo 5** foi extraído do volume destinado ao 7º ano, unidade 3 (Essa nossa vida), capítulo 9 (Vamos malhar?) da seção “Pensando a língua” que traz exatamente as atividades de ensino de vocabulário e de gramática. (Travaglia, Rocha e Arruda-Fernandes, 2009b, p. 196-198 e 203-204)

Nas atividades deste exemplo o objetivo é que o aluno aprenda sobre o funcionamento e valor dos operadores argumentativos **até**, **nem**, **apenas** e **quase** a partir de passagens do texto “A noite de glória de J-Mac” que aparece na seção “Dialogando com outro texto”. É preciso registrar que os autores já exploraram o uso de até como operador argumentativo em outras atividades que antecederam a esta, pois aparecem no volume do 6º ano. Aqui se exploram novos

aspectos inclusive a sua oposição a **nem**. As atividades levam os alunos a aprender o significado destes operadores e a saber quando usá-los e como o mesmo valor ou significação pode ser usada como positiva ou negativa dependendo da situação de uso e do texto.

A noite de glória de J-Mac

Garoto **autista** brilha em jogo de basquete de sua escola, recebe visita de **Bush** e já está na mira de **Hollywood**

Marcelo Musa Cavallari

Jason McElwain é o mais improvável dos heróis. Autista, falta-lhe a capacidade de entender a linguagem corporal e emotiva, que é a base dos relacionamentos sociais. Mesmo assim, tornou-se uma celebridade na escola de ensino médio em que estuda. Jason é baixinho. Mede apenas 1,67 metro. Mas o maior feito de sua vida, exatamente aquele que o tornou célebre em sua escola, foi obtido numa quadra de basquete. Sua experiência é um típico exemplo de histórias de superação individual que encantam os americanos há décadas. E ninguém conhece melhor o apelo desse tipo de história que Hollywood.

Vários estúdios já procuraram a família do rapaz de 17 anos para tentar comprar o direito de levar sua aventura para o cinema. Entre eles os gigantes Disney e Warner Bros. O que, afinal, Jason tem de tão especial que justificou até uma visita do presidente George W. Bush?

A fama dele surgiu no que era para ser apenas um gesto simpático do treinador do time de basquete da Greece-Athena High School, uma escola de ensino médio em Greece, subúrbio de Rochester, Estado de Nova York. Jason adora basquete. Mas é pequeno demais para a seleção da escola.

'Eu não me importo com essa condição de autista, é só minha maneira de ser'

A solução foi torná-lo assistente do técnico. Jason passou as duas últimas temporadas distribuindo água e toalhas para os jogadores, incentivando o time, ajudando nos treinos e dando dicas. Era o mais animado membro da equipe. Como recompensa, o treinador Jim Johnson disse que talvez o pusesse em quadra no último jogo em casa da temporada. Os Trojans, nome do time da Greece-Athena, disputavam o título estadual de sua categoria e, portanto, não havia espaço para brincadeiras. Mas o pequeno ginásio estava lotado de colegas de Jason que foram lá só para vê-lo.

Quando o time da casa abriu uma vantagem confortável, Johnson chamou Jason para entrar em quadra. Faltavam quatro minutos para o fim da partida. A primeira bola que Jason recebeu e arremessou passou longe da cesta. A segunda também. Havia decorrido um minuto de jogo. Aí começou a noite de glória do garoto autista. Nos três minutos restantes, Jason fez seis cestas de três pontos e uma de dois. Desempenho impressionante para qualquer jogador.



VITÓRIA

Jason arremessa para marcar uma de suas cestas de três pontos

O ginásio veio abaixo. Jason foi carregado pelos colegas, que invadiram a quadra. Um deles havia filmado tudo. Aí começou a segunda parte da aventura de Jason. O filme com suas cestas foi mostrado nas principais redes de TV dos EUA e comoveu muita gente. Entre elas o presidente Bush.



Jason é carregado pelos fãs na quadra da escola

Na sexta-feira 19, a caminho de um compromisso em Canandaigua, também no Estado de Nova York, Bush mandou que seu avião, o Air Force One, parasse por algum tempo num aeroporto nas imediações de Rochester. Lá, encontrou Jason e sua família. “Posso te chamar de J-Mac?”, perguntou Bush ao menino, querendo usar o apelido pelo qual Jason é conhecido na escola. “Você pode me chamar de George Dubya”, disse o presidente, autorizando o garoto a usar o apelido com que é conhecido entre os amigos.

“Nosso país ficou comovido com uma emocionante história ocorrida numa quadra de basquete”, disse Bush. “É a história de um jovem que encontrou seu momento em uma quadra de basquete e tocou o coração de cidadãos por todo o país.” Bush confessou que ele mesmo chorou ao ver Jason jogar, no noticiário noturno.

Para o diretor-atlético da escola de Jason, o que aconteceu é especialmente significativo. “Temos obrigação, como sociedade, de encontrar um jeito de incluir pessoas com habilidades diferentes”, disse Randolph Hutton. “Tenho esperança de que o que aconteceu ajude a abrir portas, ajude a abrir alguns olhos.” Hutton sabe do que está falando. É pai de um garoto autista de 12 anos.

O autismo ainda é pouco compreendido. Com causas neurológicas surgidas ainda durante a gestação, a síndrome tem uma variedade grande de manifestações. O que há de comum entre todas elas é a dificuldade da pessoa em se relacionar com outras. Alguns autistas jamais saem de seu próprio mundo. Outros, como Jason, são capazes de superar as barreiras e viver uma vida normal, embora convivam sempre com dificuldades de entender sinais emocionais nos gestos e na fala de outras pessoas.



VISITA
Ao lado do pai e da mãe, J-Mac recebe George Dubya no aeroporto de Rochester

Jason não começou a falar antes dos 5 anos. Hoje, aos 17, está no fim do ensino médio. Junto com colegas da mesma idade, portanto. Ele ainda não consegue interpretar gestos ou o tom de voz das pessoas. Fala alto demais às vezes. Ou ri excessivamente e por muito tempo em algumas situações sociais. Mas quem o conhece sabe que basta avisá-lo disso. “Não me importo muito com essa condição de autista”, diz Jason. “É só minha maneira de ser. O conselho que dou a outros autistas é que continuem se esforçando, continuem sonhando, vocês vão ter sua chance e vão se realizar.”

(Fotos: Eric Sucar/AP, Charles Dharapak/AP)

(Época, 27 de março, 2006 p. 47- 48)

Aprendendo mais sobre as palavras

3. A) “O que, afinal, Jason tem de tão especial que justificou **até** uma visita do presidente George W. Bush?”

Entre as declarações abaixo, escolha a que melhor explica o emprego de **até** neste trecho, do texto “A noite de glória de J-Mac” e copie-a em seu caderno.

- **até** indica um movimento com um limite no espaço, como em “Fomos até a casa de Pedro, buscar a bola”.
- **até** introduz o argumento mais forte (visita do presidente americano) para mostrar que Jason era uma pessoa realmente muito especial.
- **até** introduz um movimento com um limite no tempo, como em “Esperamos até 10 horas para começar o jogo.”

Resposta: **Até** introduz o argumento mais forte (visita do presidente americano) para mostrar que Jason era uma pessoa realmente muito especial.

B) Se o jornalista tivesse dito:

“Ninguém deu importância para o feito de Jason. Nem sua mãe o parabenizou”,

qual palavra indica exatamente o contrário de “até” na reportagem sobre Jason? Por que aqui teríamos uma “direção contrária” no pensamento expresso? Explique.

A palavra “nem”. É um pensamento contrário porque o máximo do desprestígio é nem a mãe de alguém lhe dar os parabéns pelo que fez.

4. Observe os trechos abaixo do texto “A noite de glória de J-Mac”.

- “Mesmo assim, tornou-se uma celebridade na escola de ensino médio em que estuda. Jason é baixinho. Mede **apenas** 1,67 metro. Mas o maior feito de sua vida, exatamente aquele que o tornou célebre em sua escola, foi obtido numa quadra de basquete.
- “A fama dele surgiu no que era para ser **apenas** um gesto simpático do treinador do time de basquete da Greece-Athena High School, uma escola de ensino médio em Greece [...]”

Professor(a), perceber os valores de “apenas” e “quase”, que são discutidos aqui, não é fácil. Ajude os alunos, promovendo uma discussão com a turma.

Agora responda:

- A) O uso de **apenas** nos trechos acima, indica que “ter uma altura de 1,67m” e “ser um gesto simpático do treinador” é algo visto como positivo ou negativo? Por quê?

Negativo, tanto que é relacionado com o jogo de basquete de que J-Mac gostava e em que é preciso ser alto para ser um jogador. Então ter 1,67m é algo que atrapalha, impede seu sonho de ser jogador de basquete. “Apenas” indica que a altura (uma quantidade) é pequena, pouca. Por outro lado o gesto do treinador não era um gesto que mostrava que ele acreditava no potencial de Jason, mas apenas foi uma condescendência para dar um prazer a um menino com problemas.

- B) (i) Observe os dois trechos a seguir e diga qual a diferença entre eles.

- a) Faltavam **apenas** quatro minutos para o fim da partida, nada mais podia ser feito para reverter o resultado do jogo.
- b) Faltavam **quase** quatro minutos para o fim da partida e muito podia ser feito para reverter o resultado do jogo.

Em a) há “apenas” e “nada mais”; em b) “quase” e “e muito”.

- (ii) O que aconteceria se trocássemos os dois segmentos finais dos trechos (a) e (b), como feito abaixo? Alguém usaria períodos como estes?

- a') * Faltavam apenas quatro minutos para o fim da partida, muito podia ser feito para reverter o resultado do jogo.
- b') * Faltavam quase quatro minutos para o fim da partida, nada mais podia ser feito para reverter o resultado do jogo.

Os períodos são estranhos, ficam meio sem sentido. Dificilmente alguém usaria períodos como estes.

- (iii) Observe novamente os trechos (a) e (b) e responda: que diferença de sentido você percebe nos dois trechos de (i)?

Com “apenas” o tempo que falta para o final do jogo (quatro minutos) é visto como pouco tempo, o que é percebido como algo negativo para fazer alguma coisa para reverter o resultado do jogo. Já com “quase” o tempo de 4 minutos é visto positivamente, pois é visto como muito tempo, como tempo suficiente para alterar o resultado do jogo. “Quase” indica a quantidade como próxima de uma totalidade, o que acarreta a idéia de muito.

- C) Diga que palavra (**apenas** ou **quase**) substitui o símbolo * nos trechos abaixo, de acordo com o exigido pelo sentido.

- a) Esse menino tem 8 anos, mas já tem * 1,67m de altura.
- b) João é jogador profissional de vôlei, mas tem * 1,67m de altura.
- c) Ele não pode apanhar as goiabas, porque ele tem * 1,50 m e, por isto, não pode alcançá-las.
- d) Seu irmão pode limpar as prateleiras, não terá problemas para alcançá-las, pois tem * 1, 70m.
- a) quase b) apenas c) apenas d) quase.

- D) Observe os textos abaixo.

- a) Rafaela não é gulosa. Ela foi à festa e comeu **apenas** dez salgadinhos.
- b) Depois da festa João sentiu-se mal, pois comeu **quase** trinta salgadinhos.

Apenas e quase continuam com o mesmo valor básico visto em A, B, C: **apenas** dá idéia de que se está falando de pouco ou de pequena quantidade e **quase**, ao contrário, dá idéia de muito, grande quantidade. Aqui as quantidades acompanhadas por “apenas” e “quase” são vistas como positivas ou negativas? Esse valor coincide com o que vimos em B e C?

A quantidade de 10 salgadinhos acompanhada por “apenas” é vista como positiva tendo como parâmetro a gula e a quantidade de 30 salgadinhos acompanhada por “quase” é vista como negativa, por provocar mal estar, portanto o valor de positivo e negativo é o inverso do que vimos em B e C. Isto mostra que ser muito ou pouco será positivo ou negativo dependendo da circunstância, da situação.

NÃO ESQUEÇA

- A palavra **apenas** marca a quantidade que acompanha como pequena, pouco, o que pode ser visto como positivo ou negativo, conforme as circunstâncias.
- A palavra **quase** marca a quantidade que acompanha como próxima de uma totalidade, o que acarreta a idéia de muito, o que pode ser visto como positivo ou negativo, conforme as circunstâncias.

Exemplo 6

O **exemplo 6** foi extraído do volume destinado ao 8º ano, unidade 2 (Mundo social: eu, tu, ele), capítulo 4 (A África no Brasil) da seção “Pensando a língua” que, como vimos no exemplo 5, traz as atividades de ensino de vocabulário e gramática. (Travaglia, Rocha e Arruda-Fernandes, 2009c, p. 124-127 e 131-132).

Neste exemplo as atividades trabalham com o uso argumentativo dos adjetivos, da adjetivação e outros recursos para caracterização dos seres, das entidades. O objetivo é levar o aluno a perceber que a escolha dos recursos linguísticos (no caso os recursos de caracterização: adjetivos, participios, locuções adjetivas, orações adjetivas e outros recursos como os próprios substantivos usados com essa função) se relaciona diretamente com os objetivos do produtor do texto, com a sustentação da idéia que ele quer defender. Isto é feito pela análise de recursos de caracterização que aparecem no texto “O continente é um dos maiores do planeta, a África” que aparece na seção “Dialogando com outro texto 3”, cujas questões 1 e 6 são apresentadas aqui, por se relacionarem de algum modo com a argumentação. A questão 1 porque pede ao aluno para dizer o provável objetivo do autor ao escrever o texto, o que como vimos é a identificação da conclusão ou tese da argumentação. A questão 6, na compreensão do texto, chama a atenção para efeitos argumentativos de modalidades usadas, aproveitando o conhecimento que o aluno vem acumulando sobre modalidades, inclusive nos volumes anteriores.

Texto 4

O CONTINENTE É UM DOS MAIORES DO PLANETA, A ÁFRICA

O continente é um dos maiores do planeta, a ÁFRICA, e no seu interior o grande conjunto de etnias formou uma Cultura milenar — anterior à chamada cultura ocidental cujo marco inicial é a Grécia — forte a ponto de deixar marcas em vários países, entre os quais o Brasil. A cada período histórico que a “civilização branca” tomou contato com a “civilização negra”, a vitória pelas armas resultou sempre numa derrota ante as influências que a Cultura Negra lavrou na trajetória de cada nação confrontada.

Assim foi com o Brasil, onde a chegada dos escravos negros representou algo muito maior e mais rico do que a mão-de-obra barata. Com esses negros – muitos deles nobres e guerreiros em suas terras de origem – desembarcou aqui também uma Cultura que soma mais de 3.000 anos antes de Cristo, seja na língua falada e grafada, seja nos valores, nos deuses, na medicina, na culinária, até na música que nascia dos mágicos e famosos tambores africanos.

É inegável que a face do brasileiro está marcada por todos esses traços e que é preciso, necessário e urgente valorizá-los, a começar pelo reconhecimento de que a população negra que aqui aportou, trazida pelos portugueses, não era oriunda de “tribos” ou “grupos étnicos” simplistas, mas representantes de uma civilização importante, forte e sábia.

Tomemos alguns exemplos, como a brava e guerreira Nzinga Mbandi Ngota Kiluanji, a Rainha Nzinga, também Rainha Ginga, que governou Ndongo, atual Angola, e de seu trono, com altivez e sabedoria, enfrentou os portugueses que ali chegavam como invasores dispostos a escravizar seu povo. Em pleno século XVII (1623), essa mulher soube usar força e meios estratégicos para manter seu povo livre e soberano, como também estabelecer alianças e acordos diplomáticos que mantiveram seu reino.

Foi dessa força que se alimentaram os quilombos no Brasil, cujo exemplo maior está em Palmares e na figura de Zumbi, que temos de olhar como um herói e não como um transgressor da ordem na época estabelecida pelo poder branco e colonizador. Temos também de reconhecer mulheres importantes nessas lutas, como Aqualtune, princesa na África, porque filha do Rei do Congo, aqui uma das líderes importantes em Palmares, organizando, ao lado de Ganga Zumba, a fuga de negros visando fundar o Estado de Palmares. Importante também foi Teresa do Quariterê, rainha do Quilombo Quariterê, que liderou durante duas décadas no século XVIII.

Com os africanos que desceram das caravelas lusas, veio também o saber científico, que o homem branco não reconhece por não estar grafado na escrita, mas que soma mais de 3.000 anos antes da nossa era. A medicina que até hoje se pratica nas beberagens, infusões, banhos, etc., com ervas, raízes, folhas era “rústica”, mas concorreu para dar origem à medicina alopática de hoje.

Estudiosos como Cheikh Anta Diop já reconheceram conquistas que incluem domínios e técnicas da mineração e metalurgia, agricultura e criação de gado, ciências como a matemática, engenharia, astronomia e medicina. Em 1879, um cirurgião inglês visitando Uganda registrou a prática de uma cesariana feita por médicos do povo banyoro, demonstrando profundo conhecimento dos conceitos e técnicas de assepsia, anestesia, cauterização.

Já se praticava a remoção de cataratas oculares, tumores cerebrais, e isso há cerca de 4 milênios! Esse saber que nos foi legado pelos negros adultos que aqui chegaram e traziam o saber de astronomia, porque há mais de seis séculos os povos africanos conheciam o sistema solar, a Via Láctea, as luas de Júpiter e até mesmo os anéis de Saturno.

A África produziu também uma vigorosa expressão de arte que ainda hoje se sobressai nos mais diferentes centros e países. E não foi uma arte de posse e individualista, mas uma expressão coletiva e de rituais. As esculturas em madeira e pedras, as máscaras, as peças que eram colocadas sobre as cabeças de vigorosos guerreiros, heróis em seus núcleos, para a realização de danças que celebravam os solstícios de plantações e colheitas, caça e das estações. As esculturas foram “descobertas” em Paris no início do século XX, ainda classificadas como Antropologia, e reconhecidas como obras de arte por pintores como Pablo Picasso, George Braque, André Derain. Picasso colocou máscaras africanas em sua “Demoiselle de Avignon”, célebre obra que marca o início do Cubismo, e Derain chegou a afirmar que uma escultura feminina africana era mais bela do que a Venus de Milo.

Some-se a essa expressão, os tecidos estampados com a mesma geometria da pintura corporal e também grafada em relevos e pinturas na cerâmica, nas peças utilitárias. Jóias e adornos ornados com pedras preciosas, os elementos corporais. Peças como essas em madeira, pedra, ferro, trançados, aqui se somaram aos elementos da terra – nossas matérias primas – e esconderam-se sob outras imagens das severas perseguições dos portugueses católicos, sobrevivendo pelas que hoje representam a Cultura Negra e a Cultura Brasileira, da qual ela faz parte.

Os tambores de África trouxeram também os cantos e danças, dando origem ao samba, que domina o Brasil de ponta a ponta e ganha avenidas no Carnaval com a grande e bela presença negra predominando, ao Maracatu, Congada, Cavalhada, Moçambique. Sons e ritmos que vão de Parintins ao Rio de Janeiro, para se construir uma imagem, passando por todas as comunidades brancas e negras.

A presença negra é marcante também (e fundamental) na mesa deste país com o vatapá, acarajé, caruru, mungunzá, sarapatel e a tão celebrada feijoada e, não bastasse, também na baba de moça, a cocada e a bala de coco.

E, fundamentalmente, vieram os Orixás, protetores de seu povo – Oxalá, Iansã, Ogum, Oxossi, Iemanjá, Omulu, Exu. Com cantos, preces e cultos hoje protegem milhões de pessoas em todo o país, e precisam ser reconhecidos cada vez mais como religião e não como divindades alternativas. É preciso reverenciar as grandes mães de santo, que conduzem seus terreiros e se ocupam de propagar a paz, a união, a fé.

Mas se reconhecermos que nossas tranças nos cabelos invadiram o mundo, nossos tecidos coloridos e geométricos já passaram dos nossos corpos para passarelas internacionais. Se tivermos orgulho e reconhecermos que não há mulatos, pardos, cafuzos, morenos, mas sim que somos todos Negros, vamos estar muito mais perto das conquistas que buscamos. Só a Cultura vai nos resgatar.

(Disponível em:

http://www.casadeculturadamulhernegra.org.br/quem_somos_frameset.htm>. Acesso em: 14 nov. 2007)

1) Sempre que alguém escreve um texto, tem um objetivo. Qual é o objetivo do autor neste texto?

Mostrar que a “civilização negra” possui uma Cultura milenar e que a população negra que veio para o Brasil trouxe grandes contribuições em vários setores, procurando levar os leitores a valorizar e respeitar os negros e sua cultura.

6) Em várias passagens do texto, pode-se perceber o modo como o autor defende seu ponto de vista. Nos trechos abaixo, quais modalizadores indicam esse ponto de vista, mostrando a atitude do autor em relação ao que diz e o modo como quer que seus leitores percebam o assunto?

- a) “É inegável que a face do brasileiro está marcada por todos esses traços e que é preciso, necessário e urgente valorizá-los [...]”
- b) “É dessa força que se alimentaram os quilombos no Brasil, cujo exemplo maior está em Palmares e na figura de Zumbi, que temos de olhar como um herói [...]”.
- c) “Temos também de reconhecer mulheres importantes nessas lutas [...]”.
- d) “É preciso reverenciar as grandes mães de santo, que conduzem seus terreiros e se ocupam de propagar a paz, a união, a fé.”

- a) é inegável - é preciso - necessário
- b) temos de olhar
- c) temos de reconhecer
- d) é preciso

Professor (a), se os alunos não se lembrarem dos modalizadores, reveja com eles a seção “Pensando a língua: Aprendendo mais sobre modalidades” do Capítulo 3, Unidade 1.

A) O que estes modalizadores indicam?

São modalizadores que indicam: certeza; necessidade; obrigação.

B) Diante disto, qual é a atitude do autor do texto em relação ao que está apresentando?

Atitude de certeza, de mostrar necessidades e obrigações por parte de quem lê o texto.

C) Qual seria a consequência para a leitura do texto, caso o autor não tivesse utilizado esses modalizadores?

O texto perderia a força argumentativa, uma vez que não conseguiria sustentar o objetivo do autor.

PENSANDO A LÍNGUA

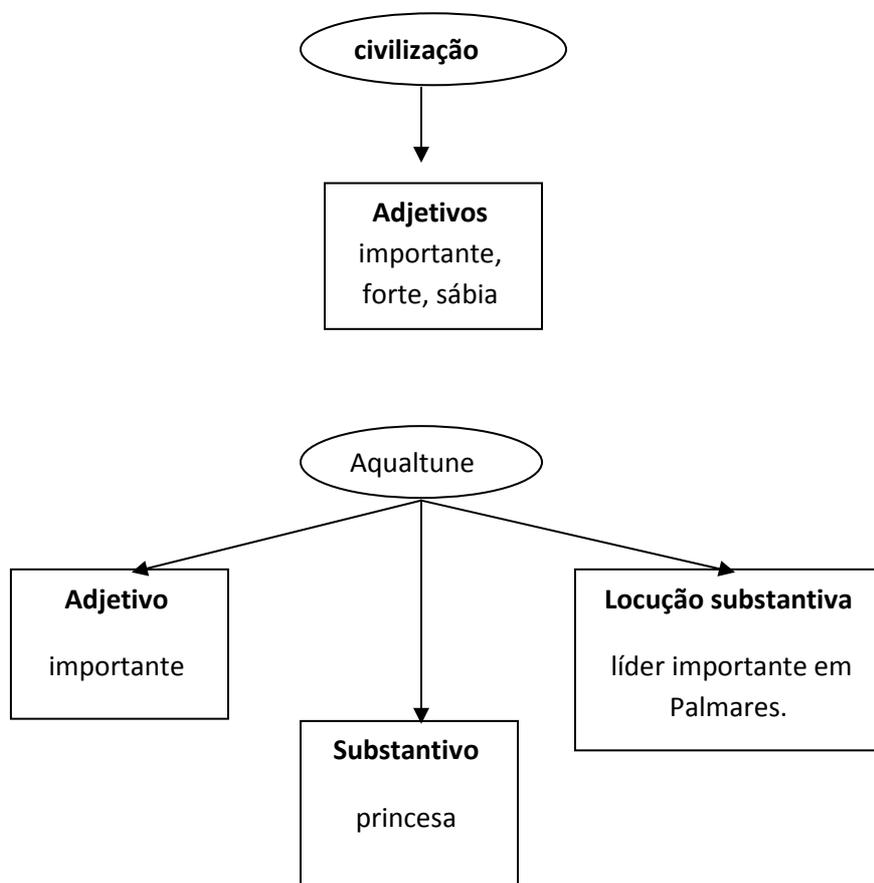
Aprendendo mais sobre adjetivos e substantivos

1. Releia os trechos a seguir extraídos de “O continente é um dos maiores do planeta, a África”.

- “[...] a população negra que aqui aportou, trazida pelos portugueses, não era oriunda de “tribos” ou “grupos étnicos” simplistas, mas representantes de uma civilização importante, forte e sábia.”
- “Temos também de reconhecer mulheres importantes nessas lutas, como Aqualtune, princesa na África, porque filha do Rei do Congo, aqui uma das líderes importantes em Palmares, organizando, ao lado de Ganga Zumba, a fuga de negros visando fundar o Estado de Palmares.”

Para caracterizar essa civilização, no primeiro trecho, e, para caracterizar Aqualtune, no segundo trecho, o autor se

utiliza de adjetivos, locuções, orações e substantivos. Veja, por exemplo, de que elementos o autor se utiliza para caracterizar essa civilização e Aqualtune.



A) Mostre, em diagramas, os elementos que o autor utiliza para caracterizar:

Zumbi – Teresa do Quariterê – expressão de arte – mães de santo.

Zumbi – herói (5º parágrafo)

Teresa do Quariterê – importante, rainha do Quilombo. (5º parágrafo)

expressão de arte – vigorosa, expressão coletiva e de rituais. (9º parágrafo)

mães de santo – grandes, que conduzem seus terreiros e se ocupam de propagar a paz, a união, a fé. (13º parágrafo)

B) Considerando o objetivo do texto, explique por que o autor se utiliza dessa caracterização.

Professor(a), sugira aos alunos que recordem a resposta dada à questão 1 do Dialogando com o texto

A caracterização foi utilizada para dar mais força à argumentação desenvolvida no texto de que a cultura negra deve ser respeitada e admirada, pois apresenta apenas características positivas dos elementos caracterizados.

NÃO ESQUEÇA!

Para caracterizar os seres, podemos usar:

- Adjetivos
- Substantivos
- Locuções substantivas
- Locuções adjetivas
- Orações.

4 - Considerações finais

Creemos que os exemplos apresentados deixam evidente o que propomos e que é possível fazê-lo e, em certa medida, como fazê-lo: usar todos os campos de atividades de ensino de língua (atividades de compreensão de textos, de produção de textos, de ensino de vocabulário e de ensino de gramática), para trabalhar a argumentação com os alunos, desenvolvendo sua competência comunicativa e domínio da língua neste particular. Evidencia-se ainda que há sempre uma correlação entre estes quatro blocos de atividades, pois com frequência o que se faz em um depende do que é feito no outro.

Como se pode perceber há também uma correlação entre o ensino de teoria que serve apenas de base e mediação para a discussão da significação que orienta o uso dos recursos da língua em situações concretas de interação comunicativa.

Gostaríamos de acrescentar que é nosso pensamento que esta forma de atuar em sala de aula é possível para o trabalho com, se não qualquer tópico de ensino que se queira abordar em sala de aula, pelo menos com a quase totalidade deles.

Referências

- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação - Uma proposta para o ensino de gramática**. São Paulo: Cortez, 1996.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos; ROCHA, Maura Alves de Freitas e ARRUDA-FERNANDES, Vania Maria Bernardes. **A Aventura da Linguagem (Língua Portuguesa) – 6º ano: manual do professor**. Belo Horizonte: Dimensão, 2009a. 328 p. (ISBN: 85-7319-734-1)
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos; ROCHA, Maura Alves de Freitas e ARRUDA-FERNANDES, Vania Maria Bernardes. **A Aventura da Linguagem (Língua Portuguesa) – 7º ano: manual do professor**. Belo Horizonte: Dimensão, 2009b. 360 p. (ISBN: 85-7319-735-8)
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos; ROCHA, Maura Alves de Freitas e ARRUDA-FERNANDES, Vania Maria Bernardes. **A Aventura da Linguagem (Língua Portuguesa) – 8º ano: manual do professor**. Belo Horizonte: Dimensão, 2009c. 424 p. (ISBN: 85-7319-736-5)

TRAVAGLIA, Luiz Carlos; ROCHA, Maura Alves de Freitas e ARRUDA-FERNANDES, Vania Maria Bernardes. **A Aventura da Linguagem (Língua Portuguesa) – 9º ano: manual do professor**. Belo Horizonte: Dimensão, 2009d. 376 p. (ISBN: 85-7319-737-2)